

FORMAR UM NOVO SUJEITO: O PAPEL DO DEPARTAMENTO TÉCNICO E DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO NA COOPERALFA (1977/1997)¹.

ELISANDRA FORNECK²

Discutir e ponderar questões presentes no processo de modernização agrícola da segunda metade do século XX no oeste catarinense, o papel do cooperativismo como agente fomentador desse desenvolvimento e a complexidade da questão que envolve os conceitos de rural e urbano são parte dos objetivos desta pesquisa de mestrado, que se encontra em fase inicial. As questões apontadas neste artigo se constituem de alguns elementos que norteiam este trabalho, que inicia a análise a partir do processo de criação do Departamento de Comunicação e Educação (1977) da Cooperalfa, e se estende até 1997, momento este que o presidente que havia gerido a cooperativa por 29 anos deixa o comando da Alfa e a cooperativa passa por grandes mudanças.

A Cooperalfa - Cooperativa Agropecuária Alfa Ltda., com sede em Chapecó/SC - objeto de análise deste trabalho, foi agente fomentador de uma educação de transformação do rural considerado “atrasado” em prol do rural “moderno”. Através do trabalho do Departamento de Comunicação e Educação, buscava-se fidelizar o agricultor à cooperativa, aproximá-lo das salas de decisão e formar um novo agricultor (a) que se moldasse aos padrões de produtividade, modernidade e civilidade que o Brasil desejava, principalmente a partir de década de 1960.

Pretendemos nesta pesquisa focar o trabalho que a educação cooperativa realizou na moldagem de um novo indivíduo e analisar de que maneira esse trabalho influenciou no sentido de justificar a necessidade das mudanças na estrutura produtiva e familiar dos associados da Cooperalfa no oeste catarinense, para atender a projeto de modernização agrícola do país. A Cooperalfa recebeu apoio governamental para implementar mudanças nos modos de produzir, pensar, agir e viver, efetivadas através da atuação do Departamento de Comunicação e Educação e do Departamento Técnico. Analisar também como nesse período de 20 anos o discurso técnico passou por várias mudanças, geralmente norteado pelas

¹ Dissertação de mestrado em História em fase inicial, sob orientação do professor Dr. João Klug e co orientação da professora Dr. Eunice Nodari.

² Graduada em História pela Unochapecó, mestranda do programa de Pós Graduação em História da UFSC.

exigências de mercado, e de como o discurso e a prática humanizadora e igualitária do cooperativismo acabou muitas vezes sendo deixada de lado em nome da sobrevivência econômica da cooperativa.

À medida que os avanços da ciência e tecnologia chegavam à agricultura brasileira, e também no oeste catarinense, inspirado no modelo de desenvolvimento agrícola norte americano, muitas cooperativas receberam apoio governamental para implementar mudanças de valores. A partir da década de 1970, as cooperativas se espalham por todo o estado de Santa Catarina, muitas com sucesso, outras não. O objeto de estudo desta pesquisa, a Cooperalfa, iniciou suas atividades em 29 de outubro de 1967³, em Chapecó SC, e todo o processo foi encabeçado pelo Banco do Brasil, através de seu gerente na época.

Em 1977, em meio às comemorações de 10 anos de cooperativa, a educação cooperativa passa a ser uma preocupação da entidade, pois ela vinha observando que seu crescimento econômico e espacial caminhava junto com a diminuição da participação dos associados. A criação da Assessoria de Comunicação e Educação Cooperativa, mais tarde mudando o nome para departamento, como será denominado durante o trabalho, foi pensada para aumentar a participação do quadro social⁴ nas atividades da cooperativa e educar o associado para a fidelidade. Além disso, com a crescente modernização dos meios de produção no campo, como por exemplo, o aumento do uso de fertilizantes, agroquímicos e maquinários, o agricultor era visto como alguém que precisava de um guia que o orientasse para se adaptar as mudanças. Nesse caso, o guia seria o setor educativo e técnico, que trabalhavam juntos para formar um novo associado: fiel a cooperativa, modernizado e produtivo.

No caso da educação cooperativa, ela se tornou um mecanismo eficaz para convencer agricultores da importância da fidelidade⁵ cooperativa e da melhora significativa que a modernização poderia trazer para a vida do associado. Setor esse que teve vários projetos e programas executados – programa de saúde familiar, comitês educativos, assistência técnica,

³ A cooperativa foi refundada sobre as bases da falida Cooperativa Triticola Oeste Catarinense Ltda. Essa cooperativa era formada por produtores de trigo, com sede em Chapecó/SC, foi fundada em 1961 e foi a primeira organização cooperativa de Chapecó. Fechou suas portas por volta de 1964-1965. O primeiro nome da Cooperalfa foi Cooperchapecó e a partir da incorporação com outra cooperativa, chamada Cooper Xaxiense, mudou o nome para Cooperalfa em 1975.

⁴ Quadro social são os associados.

⁵ Ser associado fiel é entregar toda a produção para a cooperativa, comprar os insumos com ela, participar das reuniões e assembleias, enfim, se envolver com certa regularidade nas suas atividades e eventos.

educação cooperativa, programa de rádio, criação de jornal, etc. – com o objetivo de transformar o associado no “moderno” agricultor que o Brasil almejava.

Analisar as ferramentas que esses programas utilizaram para com associados e instituição se justifica pelas grandes mudanças que a educação cooperativa trouxe para ambas as partes, tanto positivas quanto negativas. Mudanças no modo de pensar, de produzir e de viver, e que não podem ser dissociadas das mudanças estruturais que aconteciam a nível nacional e global. Além disso, o diálogo com as bibliografias referenciadas e as entrevistas com responsáveis dos departamentos, com líderes e associados podem contribuir para enriquecer e incentivar os estudos históricos acerca dessa temática.

A Educação Cooperativa

Desde os primórdios dos registros oficiais do cooperativismo, no século XVIII, ele é regido por alguns princípios, que norteiam suas ações; princípios esses que são linhas orientadoras através das quais as cooperativas colocam os seus valores em prática. Dos pioneiros de Rochdale, em 1844, até o Congresso do Centenário da Aliança Cooperativa Internacional, em Manchester/Inglaterra em 1995⁶, os sete princípios cooperativistas sofreram apenas algumas alterações, mas permaneceram basicamente os mesmos. São eles:

- adesão voluntária e livre;
- gestão democrática pelos membros;
- participação econômica dos membros;
- autonomia e independência;
- educação, formação e informação;
- intercooperação;
- interesse pela comunidade.

Dentro desses princípios, a educação cooperativista é considerada uma das mais importantes para a maioria dos cooperativistas. Através dela, os associados são orientados dos seus direitos e deveres, são realizados reuniões e treinamentos onde seus membros promovem a formação de lideranças, orientam como todos podem contribuir para o bom andamento da cooperativa e sobre as vantagens do trabalho cooperado. Como o cooperativismo moderno

⁶ Cartilha “O Cooperativismo ao Alcance de Todos”. OCESC, 1999.

teve seu início no caminho do sistema econômico capitalista introduzido pela Revolução Industrial, a comunicação e educação cooperativa, no oeste catarinense, segundo PERREIRA, para ter sucesso, deve ter a capacidade de

[...] formular suas políticas com o máximo de profundidade. Certamente terá que se referir à democracia, participação, autogestão, desenvolvimento auto sustentável, compreensão holística do mundo, associar tecnologia e humanismo, combinar trabalho e qualidade de vida, vincular cooperativismo à geração de emprego, luta contra a marginalização econômica e empenho pela justiça social (1999:26).

O que podemos perceber no caso da Cooperalfa, é que o idealizador do programa criado em 1977 buscou trabalhar nesse sentido; mas, como ele mesmo colocou “[...] minha função era reforçar o departamento técnico que a cooperativa já tinha [...]”⁷. Mesmo que o objetivo central do trabalho era educar para a fidelidade cooperativa, os conceitos de poder, produtividade, saneamento e desenvolvimento tecnológico acabaram norteando o conteúdo dos projetos que foram sendo desenvolvidos ao longo de dez anos. A educação cooperativa era o braço direito da administração da Cooperalfa para divulgar suas idéias e projetos e conquistar a fidelidade dos associados. No cooperativismo, informação é essencial, segundo SCHNEIDER

[...] é importante manter os associados informados sobre o andamento da cooperativa, novos projetos, o curso da execução das decisões tomadas, bem como informar também sobre o Movimento Cooperativo como um todo, de seus problemas, suas vitórias e de suas perspectivas, para que os associados se identifiquem e se comprometam com o cooperativismo como um sistema, além dos estreitos limites de sua cooperativa local” (1999:168).

Associado melhor informado é associado mais participativo, mais fiel, defensor da sua cooperativa e fiscalizador das ações da diretoria. Podemos perceber esse objetivo bem claro no depoimento do responsável do setor técnico da Cooperalfa na época, que já realizava modestamente esse trabalho, mas que veio a ser reforçado com o trabalho conjunto com a comunicação

[...] o seu Aury sempre teve aquela idéia de ter o contato com o associado, tinha aquele contato mais negocial, ia lá no Alto da Serra⁸, que começou lá, fazia as reuniões, a cooperativa tá assim, tá assado, íamos lá, falava de mercado falava disso daquilo, dos produtos, das mercadorias, mas a questão cooperativa não tinha conhecimento, não falava muito, a... mas porque cooperativa é bom, isso aquilo, mas não muito aquela filosofia do sistema, do que se propõe, das origens do próprio sistema, então o trabalho do comitês, dessa organização do quadro social, era nós levar uma mensagem para o associado para que ele pudesse ver que a cooperativa era diferente do que uma casa comercial qualquer. [...] as pessoas iam gostar da entidade ou trabalhar com ela na medida em que eles conhecessem mais essa, afinal, o que se podia conseguir através da cooperativa (Agrônomo).

⁷ Comunicador

⁸ Alto da Serra é um distrito de Chapecó/SC e lá se implantou a primeira filial da Cooperalfa

Quer dizer, não bastava que se tivessem questões técnicas e comerciais bem encaminhadas. Numa região onde o cooperativismo ainda lutava contra as desconfianças, a educação passou a ser vista como primordial para que a cooperativa pudesse crescer e se consolidar na sua proposta, que era originalmente garantir ao associado a comercialização da produção, a assistência técnica, o fornecimento de insumos agrícolas, mantimentos alimentícios e ferragens em geral. Mas apenas isto não bastava, como percebemos na fala anterior: era preciso que o associado conhecesse a filosofia cooperativista e a estrutura da entidade. Sem esse conhecimento, era difícil para o agricultor ter a compreensão de que a cooperativa era sua, e por ela tinha que trabalhar. Por isso também da implantação do trabalho de comunicação e educação, além de outros fatores que adiante citaremos, não colocados tão a claro na época.

A criação do Departamento de Comunicação e Educação

Comunicador ao presidente: Porque que eu devo trabalhar na Alfa? O que você espera de mim?

Presidente: Exatamente para que o agricultor seja mais fiel, mais entregador do produto, mais participante, venha mais nas assembleias, não crie tantas incomodações.

Para o comunicador, as assembleias ficavam lá perdendo horas ou minutos preciosos tentando responder perguntas de gente que atravessava a ordem do dia. E isso incomoda qualquer dirigente empresarial. Se tiver uma assembleia que tem que acontecer normalmente em três horas, era o tempo que se dava para um assembleia geral, aí você tem o balanço para apresentar, tem o relatório, você tem um monte de coisas para aprovar, tem que mexer no estatuto, é uma coisa imensa para resolver, aí tem um cara levantado lá dizendo assim, pois é, mas eu...ele não está discutindo aquilo que está na ordem do dia. Ele está achando um assunto lá não sei da onde. Isso incomodava, ele queria uma maneira de que isso evitasse de ser desta maneira. Para que o agricultor tivesse maior informação e de certa maneira parasse de incomodar. Era uma maneira de tornar esse cara um partícipe informado e não um reclamão.

O comunicador lembra que Aury Bodanese, presidente da Alfa na época, o chamou para realizar o trabalho de educação cooperativa, que ele havia conhecido visitando outras cooperativas, objetivando complementar o trabalho de assistência técnica e melhorar a fidelidade do associado. O comunicador havia sido contratado como responsável pela organização da festa de 10 anos da Alfa, em 1977, e foi convidado para continuar trabalhando na cooperativa, fazendo esse trabalho de comunicação com o associado. Como já tinha um trabalho conhecido como jornalista e comunicador, o seu trabalho de contato com associados e funcionários durante e organização das festividades do decênio chamou a atenção do então presidente. Então foi convidado para ficar e, segundo ele,

[...] minha função era exatamente reforçar o departamento técnico que a cooperativa já tinha, e esse departamento estava sendo conduzido pelo Eloi Frazon. Entrei na equipe, fiquei umas semanas me orientando, organizando, descobrindo, aprendendo, e iniciamos um trabalho de campo, destinado a conquistar a confiança do agricultor associado. Era um momento difícil para a cooperativa porque ela ainda não estava completamente consolidada como hoje está né, o agricultor tinha desconfianças, ele não era fiel, havia o intermediário que atuava nesse campo e concorria com a cooperativa, e muitas vezes até quem sabe com vantagens para o agricultor, e nós precisávamos obter dele o seu aval, a sua confiança, para que a cooperativa pudesse continuar investindo, melhorar os serviços.

O que eles buscavam ressaltar nas reuniões era que essas vantagens que os “outros” ofereciam nem sempre eram vantagens, pois o comerciante não lhe oferecia a semente e o adubo para pagar na safra, não oferecia assistência técnica, veterinário, cursos, e principalmente, buscava-se conscientizar o associado de que ele era o dono da cooperativa, que se ele vendesse para o concorrente, no caso o comerciante, ele estaria ajudando a destruir uma coisa que não era do presidente, nem da diretoria, era sua.

Algumas semanas se organizando e visitando outras cooperativas foram primordiais para a execução do trabalho, pois efetivamente, o responsável pelo departamento não tinha experiência com o trabalho de educação cooperativa. Para tanto, teve que descobrir bibliografias da área, conhecer a estrutura da cooperativa, conversar muito com o presidente para perceber suas expectativas e falar com associados sobre suas angústias, suas dificuldades, suas necessidades.

Um problema que já vinha sendo percebido pela administração da Cooperalfa era que diminuía a participação do associado na mesma medida que a cooperativa crescia economicamente. Mas isso não era uma dificuldade exclusivamente da Alfa. Quando Schneider fala dos problemas que a Cotrijuí teve no Rio Grande do Sul nas décadas de 1970 e 1980, as dificuldades eram iguais, e a busca da solução também.

Os novos problemas gerados com o crescimento da organização resultaram numa diminuição da identificação e do compromisso do associado com sua cooperativa. Surgia um número crescente de associados cada vez mais alheios a sua organização que percebiam não mais lhes pertencer. Foi então em plena crise de identidade do quadro social, que se desencadeou o trabalho de comunicação e de educação cooperativa e a nucleação do quadro social, para, através desta articulação de caráter local e pequeno, tentar resgatar sua participação (1999: 293).

Ainda que organizar o quadro social e ter como princípio a educação motivadora fosse objetivo central, o Setor de Comunicação e Educação da Cooperalfa, na pessoa do comunicador, objetivava também a [...] participação nas decisões do conselho de administração, colaborar com as assembleias gerais, estender a questão das decisões a um número maior de cabeças,” [...] ao contrário do acontecia na maioria das cooperativas, “[...]”

onde [...] sete ou nove, eu não me lembro do número que era os membros do conselho”⁹, eram os que tomavam as decisões.

Uma das dificuldades de grande parte das cooperativas de meados do século XX até o final dos anos 1980 era justamente essa centralização de poder de suas diretorias, uma quase “ditadura” de decisões que eram tomadas e informadas aos associados, sem uma ampla consulta a eles, orientado também por regime nacional de ditadura que predominou nesse período. E a década de 1980, mesmo sendo um período de abertura democrática, apresentava dentro da cooperativa fortes resquícios desse sistema, onde o presidente era o que tinha o poder. Além dos mais, até a constituição de 1988, a autonomia das cooperativas em relação ao estado era quase nula. Para o comunicador, um dos desafios era a descentralização do poder.

No começo eu tive alguma dificuldade, porque eu acho que a gente pode perfeitamente ter uma visão de que as cooperativas tinham um sistema centralizado. Hierarquizado, centralizado, piramidal, em que o presidente era o rei. Os conselheiros participavam relativamente, mas o grande comando, o grande direcionamento que se dava para a cooperativa partia da cabeça do presidente, que era o líder maior, e mais ainda da Alfa, que tinham um Aury Bodanese, homem de tremenda inteligência, e de muita liderança (2012).

Descentralizar as decisões, dar mais voz aos associados, abrir os números para que eles pudessem acompanhar o andamento da cooperativa eram ações que não agradavam muito a direção, pois poderia dar vez a formação de novas lideranças ou oposições políticas. O presidente, que já estava no poder há dez anos, era visto por muitos como insubstituível, mas, como era uma pessoa muito envolvida com a política, acabava gerando inimigos políticos que também desejavam estar no poder da Cooperalfa, tanto pessoas de dentro da cooperativa quanto de fora. Segundo o comunicador, ele foi alertado sobre os efeitos dessa abertura de poder, mas, na sua opinião,

A grandeza desse homem, mais uma vez, fez com que ele não fosse engolido e pudesse contar com a batuta dele, que era um grande administrador, mas tinha o seu jeitão de levar as coisas. Quando nós dissemos para ele que agora era preciso democratizar, e se essa democratização custar tua cabeça, você vai ter que apostar. Porque esta cabeça pode cair com ou sem a democratização que estamos propondo. Ele disse: pode tocar em frente, que se eu não for mais o presidente, eu quero que a cooperativa vá para frente (Comunicador, 2012).

Como vimos no depoimento acima, segundo o comunicador, mesmo sabendo que o trabalho de comunicação poderia reforçar a possibilidade de perder a presidência, ele achou que fazer esse trabalho de fidelização poderia ajudá-lo mais do que ameaçá-lo. E a criação dos comitês educativos foi uma das ações do setor. “O objetivo do comitê dentro do espírito

⁹ Comunicador

do legislador era cativar, era motivar, era fidelizar”, diz o comunicador. Mas eles não eram muito conhecidos nas cooperativas “[...] o comitê era uma coisa que naquele momento se falava a nível de OCB¹⁰. Havia dentro da lei das cooperativas um dispositivo que meio que recomendava que as cooperativas possuíssem um comitê educativo”, complementa. Por isso também, além da consulta bibliográfica, o comunicador buscou experiências em outras cooperativas como conhecimento a ser aplicado na Alfa.

Mesmo com essa desconfiança com os possíveis resultados do trabalho, os comitês foram instituídos e foram se espalhando pela área de abrangência da cooperativa. A formação de lideranças era um dos principais objetivos dos comitês, lideranças que pudessem representar suas localidades nas reuniões da cooperativa e levar as informações aos demais associados. Vejamos o que diz o comunicador sobre essa preparação de lideranças.

Quando esse associado, até por uma certa liderança que ele exercia nessa sua participação, de maior cobrança, ele era escolhido pelos seus iguais como um líder de nível maior que outro líder que era só na comunidade, ele participava das decisões vindas, ele vinha para a central com as despesas pagas, ele sentava na reunião no auditório da cooperativa junto com todos os membros da diretoria, com toda assessoria da cooperativa, isso era um diferencial para ele, isso passou a ser para ele uma situação dignificante, poxa, eu estou aqui, eu estou participando, eu estou tomando as decisões, se eu disser não vai ser não, se eu disser sim vai ser sim, mudou tudo, mudou tudo. Esse cara ao invés de fazer o que ele vinha fazendo que era detonando a cooperativa, ele passou a fazer o outro papel, o de levar para o outro que não tinha vindo na reunião, até por um certo orgulho pessoal, fui lá, participei, decidimos, ficou decidido isso, mais isso, mais isso, isso tornou a coisa muito mais fácil para administrar a cooperativa [...]

Na opinião dos responsáveis, o trabalho que a equipe de educação e comunicação responsável realizou mostrou muitos resultados positivos, principalmente no que tange o aumento no número de associados, na conscientização da importância da participação do associado na cooperativa e na formação de lideranças nas comunidades. Algumas pessoas inclusive acreditam que a oferta de um trabalho para o comunicador chefe em Florianópolis, depois de seis anos de Alfa, acabou sendo de escolha do presidente da Cooperalfa, que era muito influente politicamente, e estava com medo do carisma do comunicador/educador ameaçar sua presidência. Mas os conflitos políticos e as resistências são questões que serão aprofundadas ao longo da pesquisa.

Resultados

¹⁰ Organização das Cooperativas Brasileiras.

Os resultados do trabalho do setor de comunicação e educação do período que esta pesquisa abrange são até hoje comentados e usados como referência de muitos projetos que a cooperativa desenvolve. Dentro da Cooperalfa, os trabalhos de educação cooperativa e orientação técnica são vistos como um dos fatores de sobrevivência da cooperativa e também dos associados na década de 1980, onde uma enxurrada de problemas climáticos, políticos e econômicos afetou o setor agrícola no Brasil e em Santa Catarina. Os números mostram bem isso: em 1977, ao completar 10 anos, a cooperativa tinha 5274 associados e 24 postos de atendimento; cinco anos depois, contava com quase 12 mil associados e 34 postos. Em 1987, a Cooperalfa contava com 14.058 associados e 1.275 funcionários e 56 pontos de atendimento, distribuídos em 12 municípios (Livreto “Cooperalfa 20 anos”, 1987).

Além das questões anteriormente citadas, a abertura democrática brasileira afetava também a Cooperativa. Segundo consta no depoimento do comunicador, se não houvesse a sensatez de realizar o trabalho de comunicação e educação com os associados, talvez a cooperativa não tivesse sobrevivido as mudanças do período. Quando chegou para trabalhar na cooperativa, a falta de democracia não era apenas em nível de estado, havia também

[...] no modo que a direção da cooperativa conduzia as decisões: de maneira pouco democrática. A gente tinha certeza que naquele modelo dos primeiros 10 anos, ela estava condenada a sofrer um revés. Esse revés seria assim: a luta pela democratização do Brasil levaria a cooperativa a reboque. O Aury seria engolido por uma oposição, qualquer um daqueles oponentes se tivesse um pouco de recurso financeiro para fazer uma campanha através do rádio, através de qualquer outro tipo de mídia para chegar no agricultor, ainda a igreja ajudaria, tenho certeza, assim como ela ajudou o PT, ajudaria uma oposição a Alfa, o Aury seria engolido (Comunicador).

Para o comunicador, esta foi uma das primeiras e principais mudanças que aconteceram na cooperativa: antes de implementar programas, mudar o modelo de gestão, dar voz ao associado. Já para o responsável do setor técnico, a principal mudança para o associado

Foi o desenvolvimento [...] porque num passado não muito longo, o pessoal produzia e não tinha para quem vender [...] Então a cooperativa foi um canal onde o pessoal poderia produzir que a cooperativa ia arrumar mercado para o produtor [...] Então esse foi o ponto fundamental, ter as condições para o pessoal produzir e sobreviver e fazer o seu progresso, então aí que começou aquele pessoal mais inovador, mais decidido, mais investidor a formar os seus patrimônios. Se não tivesse o sistema cooperativo aqui, de repente o desenvolvimento seria muito mais demorado. Então isso é um ponto positivo que as cooperativas trouxeram para a região, não só a Alfa. [...] Então deu condições para as pessoas continuarem produzindo, melhorando a produção, porque tinham certeza que iam ter onde colocar seu produto.

O trabalho de orientação técnica e cooperativa foi de grande destaque tanto para associados quanto para os administradores da cooperativa, que viam os reflexos disso no

movimento da cooperativa, na melhoria da qualidade de vida do agricultor. Sobre esse trabalho, um dos fundadores da cooperativa diz o seguinte

Nós tínhamos gente que iam na casa dos agricultores, que ensinavam eles a organizar a propriedade, pois em muitos lugares estava tudo jogado de qualquer jeito. Eles aprenderam a trabalhar e isso era importante, hoje o filho de agricultor sabe fazer tudo. A cooperativa ajudou muito essa gente. Nós começamos a embutir na cabeça deles que eles eram donos, isso nós falava em tudo que é reunião, nós dizia, aqui é a casa de vocês, podem conversar e pedir o que quiserem, os empregados na verdade eram deles, tinha liberdade para entrar no armazém, onde quisessem. Abrimos os olhos da turma (BALDISSERA, 2008).

O responsável do setor de comunicação constatou outras mudanças que este trabalho provocou na vida dos associados. Mudanças que estavam indiretamente relacionados a melhoria de fatores produtivos e econômicos. Para ele, a mudança

[...] foi um conjunto de coisas. O agricultor passou a ter informação, ele deixou de ser um joguete na mão dos exploradores, acho que até politicamente eles cresceram, começaram a exigir mais do seu prefeito, do seu vereador. [...] O que é que isso teria como manchete se fosse fazer uma notícia: cidadania. Foi o que a gente acabou fazendo naquela região, um processo de desenvolvimento do homem, ele saiu das amarras e descobriu que podia ser sujeito na reunião da cooperativa, falar, votar, reclamar, ter o resultado disso no bolso, na conta bancária dele. [...]

Podemos destacar que o trabalho realizado teve como um dos resultados a maior participação de associados, que usaram os comitês como ponte entre eles e a direção, para serem ouvidos nas suas reivindicações. Com registro em ata e incentivados a participar, os agricultores passaram a cobrar maiores investimentos da cooperativa e “criaram coragem” para solicitar melhoria no atendimento ao associado, pois antes disso, como vimos anteriormente, a direção não gostava muito de associados reclamando e solicitando algo nas assembleias. Com a comunicação criada para tal, o momento de reuniões nas comunidades e de encontro dos comitês educativos passou a ser espaço de grandes diálogos e, muitas vezes, discussões calorosas.

Segundo o associado Schneider, a orientação técnica e a introdução do saber agrônomo foi um dos melhores programas que a cooperativa já realizou para o associado

Nesse ponto em 1971-1972 o agricultor debulhava milho de paiol para plantar. Ele trocava, pegava semente do vizinho e plantava feijão, pegava trigo do vizinho e trazia para semente. E nessa época eles começaram a explicar que aquelas doenças que dava no feijão, eles lá já vendiam as sementes boas, as sementes fiscalizadas. Daí você começou a fazer experiência e comprar trigo deles e pegava trigo já pesteadado e via a diferença que não tem cabimento. O milho era caro, aquela bolsinha de 40 kg, não existia essas de hoje, existia aquela mojano de SP e o Carazinho do RS, só se comprava esses dois, não existia muito milho. Daí a gente se lamentava, 40 kg de sementes para dar 10 sacos do nosso, é um roubo, mas daí a gente plantava um sacos dessa e um saco das sementes nossas a diferença era da água para o vinho. Daí se via que o negócio era pagar por aquela semente mais cara pois dobrava a produção. Daí o agrônomo sempre explicava tudo, plantar mais perto, sempre se tinha um pé atrás, daí você tentava fazer o que ele dizia, daí

plantava na época nossa, longe um metro do outro, mas daí conforme si via que dava certo o que ele falava, tornava a se acreditar nele. Daí que foi acreditando mais neles. Ele tava ensinando-nos a plantar (2009).

Podemos perceber que o agricultor foi convencido de que o sistema que ele exercia – a troca de sementes crioulas entre os vizinhos - antes da propagação das “modernas técnicas”, era responsável por espalhar doenças. E mesmo achando caras as referidas técnicas e sabendo que estava perdendo autonomia para plantio, adubação e criação de animais, muitos agricultores foram convencidos de que as novidades da ciência poderiam melhorar sua vida. MENDONÇA, quando fala de agronomia e poder, discute muito a cientificidade do saber agrônomo e veterinário, que passou a ser visto como instrumento de modernização e progresso no campo. Para a autora, os agrônomos “[...] se viam como os *líderes naturais* do processo de modernização da agricultura brasileira” (1998:29).

Nesse sentido, a preparação de líderes comunitários, através dos comitês educativos, seria de fundamental importância para a difusão de novos conhecimentos, principalmente técnicos e comportamentais. “Uma vez adotada pelos agricultores que são líderes de suas comunidades, eles se encarregariam de fazer a multiplicação de novas ideias” (GIRARDI, MASIHERER, SCHWAAB, 2007). E esse “convencimento” era papel do setor de educação, aliás, realizado com muito êxito, como podemos perceber no depoimento a seguir

[...] o que ficou mais evidente é o negócio do porco, que ela integrava o agricultor, e pagava mais, e ensinava, e se vendia para ou outros não tinha técnico, não tinha nada, segurança, ração, nada, tinha que se virar com tudo, na parte foi a tecnologia que a cooperativa trouxe, agrônomo e veterinário, foi o que mais marcou, se você tinha um comércio não tinha nada, e outro detalhe, ele faziam palestras pagavam um doutor a cooperativa pagava, chamava um monte de agricultor para participar, em todo esse tempo de cooperativa acho que tenho uns mil dia de palestra e reunião, mas aprendi, não tenho estudo, mas tenho experiência de vida, o eu mais marcou foi essas parte de reunião para ensinar o agricultor (SCHNEIDER, 2009).

Nessa fala do associado podemos perceber bem latente uma questão colocada por SAUER [...] essa dominação tende a desaparecer da consciência das pessoas diante de um possível aumento de crescente produtividade e domínio da natureza, como fatores que deverão proporcionar uma vida mais confortável (2010:153). E não é só na fala desse associado, muitos deles percebem essa orientação da cooperativa como um trabalho positivo que evitou sua ida para as favelas ou para os trabalho nas agroindústrias¹¹. Podemos notar também que muitos desses depoimentos estão carregados de identidade e pertencimento

¹¹ Para muitas pessoas, trabalhar em frigorífico só em últimos casos, se não tiver outra opção. É um trabalho que exige “submissão” total ao que a agroindústria impõe, cumprimento de metas de produção elevadíssimas, atenção total, distração zero. Muitos chegam a comparar esse trabalho com escravidão ou até morte.

coletivo; memórias que não são apenas expressões individuais ou de uma história, mas que percebemos estar presente no que valorizam, no que temem e no que esperam, já que para muitos a Cooperativa foi e continua sendo um lar.

Ao falar do contexto do programa e de seus resultados mais amplos, de médio e longo prazo, o comunicador conclui sua fala da seguinte maneira

O trabalho de comunicação tinha por objetivo o homem associado, o seu esclarecimento, a sua fidelidade, a entrega da produção com regularidade e menos discórdia sempre que houvesse uma reunião. Estava em curso, nesse tempo, as Comunidades Eclesiais de Base, germe do MST e PT e sempre haviam agricultores dispostos a detonar a Cooperativa como instrumento da direita e dos partidos de sustentação da ditadura militar. De forma madura e isenta o serviço de comunicação precisava deixar claro que a cooperativa estava a serviço do associado e nem por isso contra as instituições como Banco do Brasil, Acaresc, Empasc, Fecoerusc e outras instituições (governamentais) que estavam a serviço do agricultor. Foi uma luta sem tréguas, mas vencemos pela razão, pelo exemplo, pela transparência, pela seriedade. A voragem ideológica que queria a cooperativa trabalhando no modelo do cooperativismo sem terra (que conhecemos) passou e a Alfa é, hoje, a maior cooperativa do Brasil.

Mesmo que seja a opinião do comunicador, as pesquisas de campo tem nos indicado que essa opinião prevaleceu entre outros comunicadores, entre agrônomos, técnicos, administradores, líderes e associados. É claro que encontramos também muitas opiniões contrárias, críticas ao trabalho e a maneira que a cooperativa “incorporou” o modelo desenvolvimentista e usou de estratégias e discursos persuasivos com os associados. Analisaremos isso melhor ao longo da pesquisa.

Considerações

Experiências históricas de cooperativismo nos mostram as dificuldades que as cooperativas enfrentam quando se propõem a ser apenas mais uma alternativa de renda ou de emprego. Usando uma linguagem mais simples, é um projeto popular de sociedade, que pode nutrir os objetivos e a continuidade do trabalho da instituição, porém, não se sustenta por muito tempo se não estiver articulado a uma formação que tenha seus alicerces assentados nos valores da cooperação, da solidariedade e da autogestão. E acima de tudo, o que muitos especialistas em cooperativismo defendem, nenhuma cooperativa consegue se fortalecer se não tiver um programa eficiente de comunicação e educação cooperativa, que as pessoas não nascem cooperativistas, que a cooperação se constrói com formação e educação.

No caso dessa pesquisa, as fontes orais nos ajudaram bastante a entender o sentido que os responsáveis dos setores davam ao seu trabalho e ao entendimento que tinham de

comunicação e educação cooperativa. Sentido esse que muitas vezes fica imperceptível nas fontes documentais, principalmente no que se refere a metodologia e resultados.

As fontes orais estão ajudando a apreender os processos históricos na perspectiva dos diferentes sujeitos sociais, mesmo aqueles que não escreveram sua história. Tudo isso, enriquece a própria investigação histórica. No entanto, há que se cuidar para não individualizar as experiências particulares e nem idolatrá-las como coletivas (MARCON, 2000:42).

Cabe ressaltar que o que pretendemos com este trabalho não é criticar a modernização e apontá-la como maléfica para os agricultores, ou colocar que o sentido muitas vezes “civilizador” que tiveram os trabalhos da educação cooperativa tivessem esse significado para o comunicador e para os associados. Buscamos sim analisar as ferramentas que dirigentes e educadores, que estiveram direta ou diretamente envolvidos com o programa, utilizaram para difundir o projeto modernizador da “arcaica” agricultura brasileira e educar o associado para a fidelidade cooperativa. Construir uma ponte entre a memória de quem participou desse processo, os materiais e ferramentas utilizados e contexto político-econômico em que viviam nos permite uma percepção macro do processo. Nesse sentido de compreensão do processo histórico, Koselleck defende que a “busca do cotidiano do tempo histórico” não pode deixar de

[...] contemplar as rugas no rosto de um homem, ou então as cicatrizes nas quais se delineiam as marcas de um destino já vivido [...] deve evocar na memória a presença, lado a lado, de prédios em ruínas e construções recentes [...] que observe também o diferente ritmo dos processos de modernização sofrido por diferentes meios de transporte, que do tremó ao avião, mesclam-se [...] que contemple a sucessão de gerações dentro da própria família, assim como o mundo do trabalho [...] diferentes espaços da experiência e o entrelaçamento de distintas perspectivas de futuro, ao lado de conflitos ainda em germe (KOSELLECK, 2006:13-14).

Não almejamos desmentir a história “oficial” e apontá-la como não verdadeira, mas analisarmos também a história que não é contada em livros, e que está na memória de associados, dirigentes e educadores que estiveram direta ou indiretamente envolvidos com o programa. Construir uma ponte entre memória e história, ouvir as pessoas e conhecer outras narrativas.

Nesse sentido, a história oral permite que se possa [...] perceber com maior clareza a articulação entre, de um lado, as percepções e as representações dos atores, e, de outro, as determinações e interdependência que tecem os laços sociais (FERREIRA/AMADO, 1996:24), buscando uma compreensão maior do processo, das memórias e experiências vividas. O registro de memórias pode ser uma condição para compreender problemas históricos, mas, também é necessário um extremo cuidado para não idealizar os acontecimentos e experiências culturais, perceber quem conta, o que conta, de quem quer

lembrar, o que quer lembrar e porque quer lembrar ou esquecer. O historiador precisa a construção da narrativa histórica “[...] exige a superação do estágio da simples descrição do acontecimento resultante da utilização das fontes, levando-se em conta as leituras sucessivas que atribuem um sentido sempre mutável aos diversos estágios constitutivos da memória coletiva” (DOSSE, 2001: 36).

Cabe lembrar também que a relação que havia entre agricultores e comerciantes, geralmente colocada pelos cooperativistas como problemática, mereceria uma análise mais profunda. Muitos comerciantes tinham uma relação de camaradagem com os produtores, inclusive emprestando dinheiro ou até mesmo em relações de compadrio. E o primeiro presidente da Cooperalfa era um desses comerciantes, que tinham grande prestígio com sua comunidade.

O trabalho de educação cooperativa mudou muito a vida de comunicadores, técnicos, associados e da instituição, pelo menos na visão de seus idealizadores e executores. Mudanças defendidas como positivas, como percebemos nas falas citadas anteriormente. Numa prévia pesquisa realizada, podemos perceber também que muitos associados concordam, e outros não, pois acabaram excluídos por não se enquadrarem nos novos moldes produtivos e comportamentais impostos por um modelo econômico e social almejado pelas políticas governamentais. Exclusões, conflitos políticos e disputas de poder que sempre fizeram parte da Cooperalfa, as vezes imperceptíveis, outras vezes latentes. Vamos entender melhor esse processo no aprofundamento da pesquisa.

Fontes

Cooperalfa 20 anos. Livreto em comemoração aos 20 anos de Cooperalfa. Publicado em 1987, sem citação de autoria.

O Cooperativismo ao alcance de todos. Produção: OCESC e SESCOOP-SC. Florianópolis/SC, 1999.

Seminário “Reflexão, estudo, sugestão: problemas da terra”. Apostila construída pela Assessoria de Comunicação e Educação da Cooperalfa para usar nos trabalhos com os comitês educativos. Sem data.

Entrevistas

AGRÔNOMO. Entrevista com Responsável do Departamento Técnico em agosto de 2012. Entrevistador: E. Forneck. Chapecó, 2012. Projeto de Pesquisa “Educar para fidelizar: o papel do departamento de comunicação e educação na Cooperalfa (1977-1987)”.

BALDISSERA, O. **Entrevista com Olívio Baldissera**. [9 de set. 2008.] Entrevistador: E. Forneck. Chapecó, 2008. Projeto de Pesquisa “Cooperalfa: memórias do cooperativismo.”

COMUNICADOR. Entrevista com Responsável do Departamento de Comunicação e Educação em agosto de 2012. Entrevistador: E. Forneck. Florianópolis, 2012. Projeto de Pesquisa “Educar para fidelizar: o papel do departamento de comunicação e educação na Cooperalfa (1977-1987)”.

SCHNEIDER, A.S.. **Entrevista com Antônio Sebastião Schneider**. [25 de mar. 2009.] Entrevistador: E. Forneck. Chapecó, 2009. Projeto de Pesquisa “Cooperalfa: memórias do cooperativismo”

SERRANO, O. **Odilon Serrano** [30 de jun. 2008.] Entrevistador: E. Forneck. Chapecó, 2008. Projeto de Pesquisa “Cooperalfa: memórias do cooperativismo”.

Sites consultados

www.ocb.org.br www.cooperalfa.com.br

Referências Bibliográficas

DOSSE, François. **A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. Apresentação. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. (orgs). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; MASSIERER, Carine; SCHWAAB, Reges Toni. Estratégias discursivas para persuadir o agricultor ao produtivismo. *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*. Vol. IV N 1- 1 semestre de 2007.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição a semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Perreira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006. 368 p.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das Agriculturas no Mundo**: do neolítico à crise contemporânea. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.

MARCON, Telmo. Fontes orais e escritas: algumas reflexões. **Cadernos do Ceom**, Chapecó, SC, v.14, n.12, p. 25 - 44, dez.2000.

MENDONÇA, Sonia Regina de. **Agronomia de Poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998. 204 p.

PERREIRA, Jorge Arlan de Oliveira. O papel dos departamentos de comunicação e educação em cooperativas agropecuárias do oeste do estado de Santa Catarina: a visão dos comunicadores. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, SP, 1999.

SCHNEIDER, José Odelso. **Democracia, participação e autonomia cooperativa**/ José Odelso Schneider. 2. Ed. São Leopoldo: Unisinos, 1999 496 p.

SAUER, Sérgio. **Terra e modernidade**: a reinvenção do campo brasileiro. 1º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. 192 p.